

DEBATES

EM BUSCA DE UMA CONCEPÇÃO DIALÉTICA DE FILOSOFIA

Reinaldo Matias Fleuri *

Como promover a iniciação filosófica?

Uma questão que professores de filosofia vêm debatendo no Triângulo Mineiro (* *) se refere ao problema de como trabalhar a iniciação à filosofia com alunos de segundo e terceiro graus, sobretudo com aqueles que não se encaminham à especialização em filosofia.

Alguns professores defendem a necessidade de se promover o estudo, o mais sistemático possível, de textos dos filósofos. Aprender a filosofar pressupõe o estudo da filosofia já elaborada, que oferece os "instrumentos teóricos" para a reflexão crítica, além de propiciar uma visão histórica do pensamento. Estes professores, porém, se defrontam com a dificuldade de motivar os alunos para este tipo de estudo (muitas vezes taxado de "coisas do passado, sem interesse no presente") e sobretudo com a exiguidade de tempo, que acaba impossibilitando um estudo adequado.

Outros professores consideram a abordagem dos grandes temas filosóficos como o ponto de partida privilegiado para a iniciação à filosofia. Na medi-

da em que estes temas refletem questões fundamentais enfrentadas pela humanidade, eles adquirem maior atualidade, oferecendo maior chance de motivação. Entretanto, pela visão imediatista e pelo despreparo intelectual predominante, os alunos tendem a oferecer certa resistência para este tipo de estudo, considerando-o, por vezes, mera "perfumaria".

Outros professores, ainda, tentam iniciar uma reflexão filosófica com seus alunos partindo de questões vivenciais levantadas pelos próprios alunos. Esta estratégia tem a vantagem de despertar, muitas vezes, motivação imediata e envolvimento de alunos nos debates em sala de aula. Mas corre-se o risco de não se ultrapassar o nível de uma reflexão superficial e fragmentada.

Se considerarmos estas diferentes tentativas como antagônicas e excludentes cairíamos num falso dilema, pois todas estas estratégias apresentam aspectos importantes da reflexão filosófica, ao mesmo tempo que se defrontam com sérias limitações. As questões enfrentadas na prática de iniciação filosófica só podem ser equacionadas adequadamente se tivermos claro o sentido da filosofia, a essência da

* Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia.

** Os professores de Filosofia do Triângulo Mineiro (MG) vêm promovendo encontros para discutir questões relativas à sua prática de ensino de filosofia. A questão aqui focalizada foi explicitada, com maior clareza, no quinto encontro realizado em Uberlândia, dia 16.set.1987. Neste artigo, pretendemos registrar esta questão e apresentar uma contribuição para o seu debate.

postura filosófica.

Teoria do conhecimento em: Mao Tsé-Tung

Para esclarecer esta questão, poderíamos seguir diversos caminhos. Vamos escolher um. Tomemos como apoio para nossa reflexão um texto de Mao Tsé-Tung, que pode nos ajudar justamente por sua clareza e concisão.

Trata-se de um texto intitulado "Sobre a prática; sobre a relação entre o conhecimento e a prática" (MAO, 1979: 12-29), escrito por Mao em julho de 1937, no auge de um debate com seus companheiros, "com o fim de denunciar os erros de caráter subjetivista cometidos por correntes com posições dogmáticas ou empiristas" (MAO, 1979: 2; Apresentação).

Este texto pode nos ajudar a trazer luz à questão que nos preocupa, ao nos oferecer uma visão concisa da teoria marxista do conhecimento, reafirmando seus conceitos fundamentais. Estes conceitos podem, justamente, nos ajudar a encontrar formas de superar a contradição entre teoria e prática subjacente ao dilema acima colocado: a iniciação filosófica se dá ou a partir do estudo teórico (história da filosofia ou temas filosóficos) ou a partir da discussão sobre a vivência.

Para Mao, o critério de verdade do conhecimento é a prática, uma vez que o processo de conhecimento (1.) se inicia com o conhecimento sensível, que capta aspectos isolados dos fenômenos e sua interligação externa; (2.) eleva-se no conhecimento racional, que capta a essência dos fenômenos em seu conjunto e sua ligação interna; (3.) é aplicado na prática para verificar se pode conduzir ao objetivo fixado, o que

permite a reelaboração do próprio conhecimento, num processo contínuo de partir da prática e voltar à prática.

Vejamos esta concepção de conhecimento um pouco mais de perto.

O que é a prática

Antes de tudo, é preciso esclarecer que Mao toma o conceito de prática na perspectiva marxista e não, por exemplo, na acepção existencialista de vivência. Ele entende prática como um conceito muito mais amplo, ou seja, como prática social, sendo a produção uma de suas dimensões fundamentais.

O processo de produção, na concepção marxista é o processo pelo qual os homens transformam a natureza pelo trabalho e produzem os bens de que necessitam para viver. Neste processo os homens estabelecem determinadas relações entre si (por exemplo, senhor-escravo, patrão-empregado). É a partir de sua inserção no processo de produção e de acordo com a posição ocupada nas relações de produção (ou seja, conforme a classe a que pertencem) que os homens desenvolvem a compreensão de suas relações com a natureza e com os outros homens.

Desta maneira, "a atividade dos homens na produção constitui justamente a base da sua atividade prática, o determinante de todas as outras atividades. O conhecimento do homem depende essencialmente da sua atividade de produção material, durante a qual vai compreendendo progressivamente os fenômenos da Natureza, as suas propriedades, as suas leis, assim como as relações entre ele próprio, homem, e a Natureza; ao mesmo tempo, pela sua atividade de produção, ele aprende a conhecer em graus diversos, e também

duma maneira progressiva, certas relações que existem entre os próprios homens. Todos estes conhecimentos não podem ser adquiridos fora da atividade de produção (a qual é) orientada para a solução dos problemas relativos à vida material dos homens" (MAO, 1979: 12).

Para Mao, "só a prática social dos homens pode constituir o critério de verdade do conhecimento que o homem possui sobre o mundo exterior. Com efeito, só chegando, na prática social (no processo de produção material, da luta de classes, da experimentação científica), aos resultados esperados é que os homens recebem a confirmação da verdade dos seus conhecimentos (MAO, 1979: 13).

O conhecimento sensível e o conhecimento racional

Para compreender por que a veracidade do conhecimento se verifica na prática é preciso entender como é que se elabora o conhecimento.

Para Mao, o conhecimento se produz em dois momentos distintos mas interligados.

O primeiro grau do conhecimento é o conhecimento sensível. "Com efeito – diz Mao – no processo da sua atividade prática, os homens não vêem, ao começo, senão o aspecto exterior dos diferentes fenômenos encontrados ao longo desse processo; eles vêem aspectos isolados dos fenômenos, a ligação externa dos fenômenos isolados. (. . .) Esse grau do processo do conhecimento chama-se grau da percepção sensível, isto é, o grau das sensações e das representações" (MAO, 1979: 14).

O segundo grau do conhecimento é o da elaboração dos conceitos. "A continuação da prática social implica a múltipla repetição de fenômenos que suscitam sensações e representações no homem. É então que se produz na consciência humana uma mutação súbita (um salto) no processo do conhecimento: o aparecimento dos conceitos. O conceito já não reflete mais os aspectos isolados, a sua ligação externa; ele capta a essência dos fenômenos, os fenômenos no seu conjunto, a ligação interna dos fenômenos. Entre o conceito e a sensação, a diferença não é somente quantitativa, ela é também qualitativa. O desenvolvimento que intervém ulteriormente nessa direção, o emprego dos métodos de juízo, de dedução, podem desembocar em conclusões lógicas. (. . .) A verdadeira tarefa do conhecimento consiste em elevar-se da sensação ao pensamento, em elevar-se até a elucidação progressiva das contradições internas nos fenômenos que existem objetivamente, até à elucidação das suas leis, da ligação interna dos diferentes processos, isto é, consiste em atingir o conhecimento lógico". (MAO, 1979: 15).

Estes dois graus de conhecimento são distintos: o primeiro capta aspectos isolados e externos dos fenômenos e o segundo capta seu significado interno e de conjunto. Mas são momentos inseparáveis e interrelacionados do processo de conhecimento: o conhecimento racional só surge a partir da sensação e esta ganha sentido a partir da compreensão racional. Diz Mao: "esses dois graus constituem os graus dum processo único do conhecimento. O conhecimento sensível e o conhecimento racional diferem pelo seu caráter, mas não estão separados um

do outro, estão unidos na base prática. A nossa prática testemunha que os fenômenos de que temos uma percepção sensível não podem ser imediatamente compreendidos por nós, e só os fenômenos compreendidos podem ser sentidos duma maneira mais profunda" (MAO, 1979: 16).

A prática: base do conhecimento

Se o conhecimento racional deriva da percepção sensível, "todos os conhecimentos autênticos resultam da experiência direta" (MAO, 1979: 18). Por isso, "se se deseja adquirir conhecimento, há que se tomar parte na prática que transforma a realidade. Se se quer conhecer a estrutura e as propriedades do átomo, há que entregar-se a experiências físicas e químicas, modificar o estado do átomo. Se se quer conhecer a teoria e os métodos da revolução, há que participar na revolução" (ibidem).

Como fazer, então para conhecer a realidade, se não é possível a cada pessoa ter experiência direta de tudo?

Na realidade, diz Mao, a maior parte de nossos conhecimentos é produto de experiências indiretas, são conhecimentos que resultam de experiências indiretas, são conhecimentos que resultam de experiências feitas por outras pessoas, em outros tempos e lugares. Mas, para elas, foram ou são experiências diretas: "o que para mim é experiência indireta, permanece para os outros experiência direta. Segue-se daí que, falando dos conhecimentos no seu conjunto, pode dizer-se que nenhum conhecimento pode ser desligado da experiência direta" (MAO, 1979:18).

Em resumo, "o primeiro passo no processo do conhecimentos o primeiro contato com os fenômenos do mundo exterior: o grau das sensações. O segundo é a síntese dos dados fornecidos pelas sensações, a sua ordenação e elaboração: o grau dos conceitos, dos juízos e das deduções" (MAO, 1979:21).

Aqui Mao enfatiza dois aspectos importantes.

O primeiro é que o conhecimento racional depende do conhecimento sensível. "Se é possível apoiarmo-nos nos dados do conhecimento racional, é justamente porque estes se originam nos dados da percepção sensível; do contrário, tais dados do conhecimento racional tornar-se-iam num rio sem nascente, uma árvore sem raízes, seriam algo em que nada poderia apoiar-se, algo que nascesse de maneira exclusivamente subjetiva" (MAO, 1979:21).

O segundo aspecto "é a necessidade de passar do grau do conhecimento sensível ao grau do conhecimento racional. (...) Para refletir plenamente um fenômeno na sua totalidade, para refletir a sua essência e as suas leis internas, é preciso criar um sistema de conceitos e teorias, depois de se terem submetido os múltiplos dados da percepção sensível a uma elaboração mental que consiste em rejeitar a casca para guardar o grão, em eliminar o que é falso para conservar o verdadeiro, em passar dum aspecto dos fenômenos a outro, do externo ao interno; é preciso saltar do conhecimento sensível ao conhecimento racional" (MAO, 1979:22).

Este salto é necessário para que

o conhecimento, elaborado a partir da prática e submetido a uma elaboração científica, reflita o mundo objetivo duma maneira mais profunda, mais justa, mais completa. Dessa maneira se evita o equívoco dos empiristas que não percebem que os dados da percepção sensível, embora reflitam o mundo objetivo, são reflexos unilaterais, incompletos, que não captam a essência dos fenômenos.

A prática: objetivo do conhecimento

Até aqui fica claro que todo conhecimento surge da prática e se constitui num processo contínuo de percepção sensível e elaboração racional. Mas a questão mais importante ainda não está colocada. Segundo Mao, "a questão mais importante não é compreender as leis do mundo objetivo e poder, por isso, explicá-lo, mais sim utilizar o conhecimento dessas leis para transformar ativamente o mundo. (...) O conhecimento começa pela prática; e uma vez adquirido o conhecimento teórico através da prática, há que levá-lo de novo à prática. A função ativa do conhecimento não se exprime somente no salto ativo do conhecimento nacional, mas também, e o que ainda é mais importante, no salto do conhecimento racional à prática revolucionária" (MAO, 1979:23).

A prática: critério de verdade

Não há sentido em elaborar conhecimento pelo conhecimento. A finalidade da teoria é a de orientar a prática de transformação do mundo. Mas, sobretudo, é na aplicação da teoria à prática que se pode verificar sua veracidade,

na medida em que a teoria elaborada se demonstrar capaz de conduzir aos objetivos propostos.

Em suma, o processo de conhecimento, segundo Mao, se dá assim: "O homem, enquanto membro da sociedade que participa na prática da modificação dum processo objetivo determinado num determinado estágio do seu desenvolvimento (seja da prática da modificação dum processo produzindo-se na Natureza, seja da prática da modificação dum processo social qualquer), recebe, sob a influência do reflexo do processo objetivo, e da sua própria atividade subjetiva, a possibilidade de passar do conhecimento sensível ao conhecimento racional e de criar idéias, teorias, planos, ou projetos que correspondem, em geral, às leis desse processo objetivo; e se na aplicação ulterior dessas idéias, teorias, planos e projetos previamente elaborados, ou se se chega ao objetivo fixado, isto é, se se consegue, na prática desse processo, transformar em realidade as idéias, teorias, planos e projetos previamente elaborados, ou se se chega a realizá-los nas suas linhas gerais, o movimento do conhecimento desse processo objetivo pode considerar-se terminado" (MAO, 1979: 24-5).

É claro que esta é uma apresentação abstrata, esquemática, do movimento que realiza o processo de conhecimento. Pois, na realidade, este é um processo muito dinâmico, por dois motivos.

Primeiro, é raro que as teorias elaboradas pelos homens se realizem sem se alterar, devido às limitações das condições científicas e técnicas ou do próprio grau de manifestação do

processo objetivo. Muitas vezes as idéias tal como são originariamente elaboradas, não correspondem em parte ou no todo à realidade e só depois de repetidas frustrações “se consegue eliminar o erro, obter correspondência com as leis do processo objetivo e transformar, assim, o subjetivo em objetivo, quer dizer, chegar na prática aos resultados esperados” (MAO, 1979: 26).

Segundo a própria realidade objetiva é dinâmica, está em contínua transformação, e o conhecimento, para ser verdadeiro e refletir a realidade, precisa se reelaborar constantemente. “Quer na Natureza quer na sociedade, todos os processos, em consequência das suas contradições e lutas internas, progredem e desenvolvem-se. E o processo do conhecimento humano deve igualmente progredir e desenvolver-se com eles. (. . .) O movimento de modificação do mundo real, objetivo, é eterno e ilimitado; igualmente eterno e ilimitado é o conhecimento que os homens obtêm da verdade no processo da prática” (MAO, 1979: 26; 27).

Concepção dialética do conhecimento

O contexto em que Mao escreveu este texto, como mencionamos acima, foi o da sua discussão com seus companheiros, em 1937, a respeito de como conduzir o processo revolucionário chinês. Este contexto difere evidentemente do contexto em que, num encontro de professores do Triângulo Mineiro, se discutem questões relativas à iniciação filosófica em nossas escolas. Entretanto, a reflexão elaborada por Mao – que retoma nada mais que alguns traços da concepção dialé-

tica de conhecimento – realmente nos oferece alguns elementos para refletirmos sobre as questões levantadas acerca de nossa prática.

Neste texto, Mao nos ajuda a perceber algumas características importantes do processo de conhecimento.

Em primeiro lugar, nos apresenta uma concepção ampla de prática social enquanto processo de produção, ou seja, o processo pelo qual os homens transformam a natureza e criam relações entre si ao produzir bens para satisfazer suas necessidades materiais. Esta concepção aponta, portanto, para o sentido de todo o processo histórico da humanidade e não apenas para o sentido restrito de prática, segundo o qual o indivíduo interfere sobre objetos imediatos.

Em segundo lugar, Mao nos indica que a atividade dos homens na produção é a base de sua atividade prática, determinante de todas as outras atividades, inclusive do conhecimento. É a partir de sua prática produtiva que os homens tomam consciência do significado de suas relações com a natureza e com os outros homens. Todo conhecimento, portanto, é elaborado sempre a partir da prática social.

Em terceiro lugar, nos lembra que todos os conhecimentos autênticos são elaborados a partir da experiência direta. A comunicação e o confronto que os homens fazem de suas experiências é o que possibilita o desenvolvimento do conhecimento. Neste sentido, o conhecimento, tal como a prática social, resulta de um processo de elaboração coletiva, em que os homens confrontam suas experiências com os outros, presentes ou ausentes, através dos vários meios de comunicação.

Em quarto lugar, nos faz notar que o conhecimento se dá a partir da percepção sensível, que ganha sentido ao ser elaborada racionalmente. Conhecimento sensível e conhecimento racional são duas dimensões distintas e interligadas do conhecimento humano. O conhecimento racional depende do conhecimento sensível, mas é preciso que a partir deste se salte para o conhecimento racional, a fim de que o conhecimento reflita o fenômeno em sua totalidade, sua essência, suas leis internas.

Em quinto lugar, Mao nos mostra que o conhecimento é elaborado com a finalidade de transformar o mundo. Não basta compreender o mundo: é preciso usar a compreensão elaborada para transformá-lo. A finalidade do conhecimento é a prática; o conhecimento ganha sentido na medida em que serve para transformar a realidade.

Finalmente, fica claro que a verdade do conhecimento elaborado se verifica na sua aplicação à prática, na medida em que a teoria elaborada se demonstre capaz de orientar a prática para os objetivos desejados. Desta maneira, a confrontação da teoria com a prática exige uma constante reelaboração do conhecimento. Primeiro, porque geralmente não se consegue de imediato a correspondência da teoria com as leis do processo objetivo, sendo necessárias sucessivas experimentações para que os erros da teoria sejam explicitados e corrigidos. Segundo, porque a própria realidade objetiva é dinâmica e o conhecimento, para poder refleti-la, precisa ser reelaborado constantemente.

Uma concepção dialética de filosofia

Tomando como referência esta concepção dialética de conhecimento, e pressupondo-se que, evidentemente, a filosofia seja um tipo de conhecimento, podemos esboçar uma concepção dialética de filosofia.

A primeira constatação importante é que a reflexão filosófica se desenvolve justamente em base à prática social. Isto é, no processo de produção dos bens necessários à sua sobrevivência, os homens se defrontam com os problemas, as contradições, que emergem na sua relação com a natureza e com os outros homens. Estas contradições, para serem adequadamente enfrentadas, exigem uma compreensão cada vez mais radical, global e rigorosa. A busca deste tipo de compreensão das contradições e dos problemas da realidade é justamente a "busca da sabedoria", a "filosofia".

A segunda característica da reflexão filosófica é que, por se basear na prática social, ela se constrói a partir da experiência direta da prática de transformação do mundo. Uma vez que a transformação do mundo é resultado da ação de todos os homens, só através do intercâmbio e da confrontação entre as experiências dos homens é que se desenvolve o conhecimento filosófico. Desta maneira, por se basear na prática social, a filosofia se constrói necessariamente de maneira social, coletiva, através do intercâmbio de experiências e da discussão sobre as diferentes interpretações destas experiências.

Isto significa que, por outro lado, a filosofia não é resultado do esforço de

apenas alguns indivíduos privilegiados, mas é a compreensão cada vez mais radical e global que os homens elaboraram, histórica e socialmente, a respeito da própria realidade. Por outro lado, significa que a filosofia não se elabora apenas no isolamento intimista de alguns "gênios", mas sobretudo através do diálogo e do confronto entre os homens; um diálogo que ocorre não só na conversação viva entre as pessoas, mas que ocorre historicamente na medida em que os homens continuamente retomam e reelaboram o que outros, em diferentes épocas e lugares, experimentaram, pensaram, disseram e escreveram. O mérito dos "pensadores" está justamente em ter contribuído, em dado contexto, mediante a retomada e a reelaboração de certas frações do saber socialmente elaborado, para o avanço do conhecimento da realidade.

Outra característica importante da filosofia é sua "racionalidade", ou seja, a busca de captar e explicitar através de raciocínio lógico o sentido global e essencial da realidade e da prática social. Isto significa que a reflexão filosófica não só busca elaborar o conhecimento racional a partir do conhecimento sensível – como toda ciência faz, cada uma em sua área específica – mas elaborar uma compreensão racional da essência e da globalidade da prática social universal. A tarefa "específica" da filosofia é justamente captar o sentido essencial e global da realidade e da prática social.

A filosofia, porém, não esgota sua tarefa ao explicitar o sentido global e radical da realidade. Ela serve sobretudo para reorientar a prática social de transformação do mundo. Ao explicar as contradições fundamentais da realidade, indica o sentido em que a prática

social pode promover sua superação. Entretanto, a filosofia não aponta, de imediato, para objetivos de lutas restritas. Ela busca indicar o sentido que a própria humanidade vai construindo historicamente, sentido este que serve de parâmetro para se compreender e orientar todas as dimensões da prática social.

A veracidade, portanto, do conhecimento filosófico se verifica na própria prática social, no próprio processo histórico. É confrontando-se a reflexão filosófica elaborada com o processo histórico concreto que se pode compreender seus equívocos e corrigi-los. Neste sentido, "buscar a verdade" implica não só elaborar, a partir da prática social, uma explicação de seu sentido fundamental e global, mas sobretudo aplicar essa teoria para reorientar a prática social e tomar esta como parâmetro para avaliar a verdade e a validade da teoria filosófica.

Isto faz com que a filosofia seja essencialmente questionadora e dinâmica. Questionadora, não só porque explicita as contradições da realidade, indicando suas perspectivas de superação, mas também porque, ao servir de parâmetro para se reorientar a prática social, esta passa a ser o crivo para questionar a veracidade e a validade da própria teoria filosófica. E, como a realidade é dinâmica, a reflexão filosófica precisa estar sempre se reelaborando, sob pena de deixar de refletir a realidade. A filosofia, assim, não pode ser dogmática nem estática.

Iniciação dialética à filosofia

Este esboço de uma concepção dialética de filosofia – que, evidentemente, não pretende ser exaustivo nem

definitivo – pode servir de base para algumas indicações a respeito do processo pedagógico de iniciação filosófica, questionado no início deste artigo.

A primeira indicação se refere ao objetivo básico da iniciação ao filosofar que, na perspectiva filosófica apresentada, é o de se elaborar uma compreensão cada vez mais global e radical das contradições da realidade que emergem na ação transformadora (práxis) desenvolvida pelos homens.

A segunda indicação se refere à metodologia a ser basicamente assumida. Trata-se de se referir sempre à experiência direta da prática como meio de, a partir de sua percepção sensível (que é imediata, fragmentada e superficial), elaborar a sua compreensão racional (que, pelo raciocínio lógico, explicita sua essência e suas relações internas).

Esta metodologia implica duas dimensões interligadas: o diálogo e a prática. Ou seja, a reflexão filosófica se processa como um diálogo sobre os problemas que emergem na prática (FLEURI, 1968: 29-44).

Com efeito, o conhecimento se elabora a partir da prática, com a qual se toma contato pela experiência direta. Cada pessoa, evidentemente, tem um âmbito de experiência direta muito limitado e, para conhecer a realidade de maneira mais ampla e profunda, precisa conhecer a experiência direta realizada por outros. Isto se faz, ao vivo, pelo diálogo interpessoal ou, pelos mais variados meios de comunicação, com pessoas de outras épocas e lugares. Essencialmente, todas as formas de comunicação veiculam uma discussão sobre experiências diretas de diferentes práticas.

Outro aspecto importante tam-

bém implícito nesta metodologia se refere ao conteúdo a ser efetivamente compreendido. O que se procura compreender, como vimos, é a prática. E esta é compreendida na medida em que suas contradições são explicitadas. O diálogo, em que diferentes experiências e interpretações da prática são confrontadas, faz emergir as contradições da realidade, que desafiam as pessoas a buscarem sua superação. Por isso é que o diálogo problematizador motiva as pessoas a assumirem tanto a reflexão crítica quanto a ação transformadora (FREIRE, 1975: 63-87).

A terceira indicação pedagógica se refere à avaliação: é no confronto com a prática que se verifica a verdade da teoria elaborada. A comparação da teoria com a prática se dá tanto no sentido de buscar imprimir na prática a orientação coerente com a teoria, quanto no de verificar a eficácia desta teoria para a realização dos objetivos desejados.

A relação da teoria com a prática tanto é necessária quanto é possível. Por exemplo, a própria prática pedagógica desenvolvida pelas pessoas ao iniciar a reflexão filosófica já é um referencial imediato para se testar a validade da teoria desenvolvida. Além disso, a inserção das pessoas em diferentes campos da prática social é outra referência concreta para se confrontar com a teoria elaborada. Por fim, as outras dimensões da prática social, conhecidas indiretamente através dos meios de comunicação, são também referências para avaliar a teoria que se está formulando.

Estas indicações referentes aos objetivos, à metodologia e à avaliação do processo pedagógico pressupõem que as pessoas que se inserem neste

processo de iniciação filosófica assumam um compromisso vital entre si e com a prática social, de tal forma que se tornem conjuntamente sujeitos ativos de seu filosofar, ou seja, de sua busca por compreender de maneira cada vez mais global e radical as contradições que enfrentam na prática social para, justamente, poder contribuir de modo concreto para sua superação.

Filosofar: busca da verdade

Estas considerações que acabamos de esboçar nos ajudam a entender melhor que a ênfase dada, por diferentes professores de filosofia, ora ao estudo dos textos de pensadores, ora ao debate de temas clássicos da filosofia, ora à discussão de questões que emergem da vivência, são, na realidade, aspectos inerentes a diversos momentos de um mesmo processo pedagógico.

De fato, a "vivência" nada mais é que a experiência direta da prática social. Os grandes temas da filosofia apontam para as contradições essenciais e globais vividas pela humanidade em sua prática histórica. E os textos dos pensadores nos permitem o acesso a experiências realizadas e a teorias

elaboradas pelos homens em outras épocas e circunstâncias.

Assim, o grupo de pessoas que pretende se iniciar à reflexão filosófica tentará explicitar e discutir suas experiências diretas da prática social (vivência), na busca de compreender de maneira cada vez mais radical e global as contradições percebidas (abordando, assim, os grandes temas da filosofia). À medida que o processo pedagógico o exigir, recorrerá às experiências e teorias desenvolvidas por outros homens (história, em especial a da filosofia) para encontrar referenciais que permitam tanto ampliar e aprofundar sua reflexão, quanto avaliar a teoria e a prática que o próprio grupo pretende desenvolver.

Este processo pedagógico, porém, só adquire seu verdadeiro sentido de iniciação à filosofia na medida em que as pessoas se tornem conjuntamente sujeitos do filosofar, ou seja, pessoas que se articulam na busca de compreender, de maneira cada vez mais radical e global, as contradições da prática social, para poder contribuir para sua superação concreta. Desta maneira, podemos efetivamente assumir o filosofar como a busca teórico-prática da verdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FLEURI, R.M. **Consciência crítica e universidade**. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1968. (Tese, mestrado).

_____. **Educar para quê?**; contra o autoritarismo da relação pedagógica na escola. 2.ed. Uberlândia, UFU, 1987. 120p.

_____. Filosofar para quê. In: **Revista de Educação e Filosofia**. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, jan.-jun. 1987, 1(2): 85-90.

- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 3.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975. 220p.
- GADOTTI, M. **Concepção dialética da educação**; um estudo introdutório. São Paulo, Cortez/Editores Associados, 1983. 176p. (Coleção educação contemporânea).
- JARA, O. **Concepção dialética da educação popular**. São Paulo, CEPIS, maio. 1985. 34p. (Texto de apoio, 2).
- SAVIANI, D. **Educação**; do senso comum à consciência filosófica. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1980. 224p. (Educação contemporânea).
- MAO TSE-TUNG. Sobre a prática; sobre a relação entre o conhecimento e a prática. In: **Filosofia de Mao Tse-Tung**. 2. ed. Belém, Boitempo, 1979. p. 12-29. (Teoria Hoje, 1).
- VASQUEZ. A.S. **Filosofia da práxis** (Filosofia de la práxis). Trad. Luis Fernando Cardoso. Rio de Janeiro, Paz & Terra, 1968. 456 p. (Rumos da Cultura Moderna).